



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

RAYANNE GALDINO NERY

**DEIXE O SEU *LIKE* AO INTERNETÊS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA
PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO**

JOÃO PESSOA
2018

RAYANNE GALDINO NERY

**DEIXE O SEU *LIKE* AO INTERNETÊS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA
PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como
parte dos requisitos necessários para a obtenção
do título de graduado (a) em Licenciatura em
Letras Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Barbara Cabral Ferreira.

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N445d Nery, Rayanne Galdino.
DEIXE O SEU LIKE AO INTERNETÊS NAS AULAS DE LÍNGUA
INGLESA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO / Rayanne
Galdino Nery. - João Pessoa, 2018.
51 f. : il.

Orientação: Barbara Cabral Ferreira.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Internetês; TICs; Gêneros Digitais; Ensino Médio. I.
Ferreira, Barbara Cabral. II. Título.

UFPB/CCHLA

RAYANNE GALDINO NERY

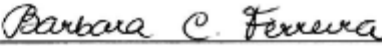
**DEIXE O SEU LIKE AO INTERNETÊS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO**

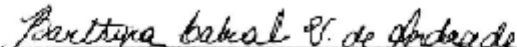
Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como
parte dos requisitos necessários para a obtenção
do título de graduada em Licenciatura em
Letras Inglês.


Orientador(a): Prof. Dr. Barbara Cabral
Ferreira.

Aprovada em 01/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Barbara Cabral Ferreira – UFPB
Orientadora


Prof. Me. Barthyra Cabral Vieira de Andrade – UFPB
Examinadora


Prof. Me. Jailine Mayara Sousa de Farias – UFPB
Examinadora

Prof. Dr. Maura Regina da Silva Dourado – UFPB
Suplente

JOÃO PESSOA
2018

AGRADECIMENTOS

À Jeová Deus, por me dá forças e não me deixar esquecer dele, ao fazer lembrar-me que nada no mundo deve ser mais importante do que a minha amizade com ele.

À minha admirável Prof^a. Dr^a Barbara Cabral, minha orientadora, por ter sido tão paciente e compreensiva, além de não só acreditar no meu potencial, mas como me incentivar a amplificá-lo e não me deixar parar onde eu achava que era o meu limite.

Às minhas professoras Me. Barthyra Cabral, Me. Jailine Farias, Dr. Maura Dourado, Dr. Elaine Espindola, Dr. Mariana Perez, Dr. Angélica Araujo, Dr. Lebiam Tamar e Dr. Danielle Luna, por terem sido tão pacientes, compreensivas, cordiais, gentis e grandes fontes de inspiração para o meu caráter como profissional.

Ao meu nobre irmão, Ruhan Nery, por ter me ajudado com suas geniais ideias e grande coração e, ainda, servir de inspiração para a construção desse trabalho, em sua homenagem.

À minha querida mãe, Marilene Nery, que mesmo com seu ensino fundamental incompleto, ensinou minhas primeiras palavras em inglês e hoje me lembra que “não há nada mais bonito do que ser aquele que ensina as outras profissões.”

Ao meu honroso pai, Rômulo Nery, por ter me ensinado com seu exemplo e seus conselhos que humilde é aquele que sabe ouvir, ou reconhece que nunca deixa de aprender.

Ao meu gentil namorado, Kevin Freitas, por ter sido tão compreensivo e amoroso ao não me deixar desistir desse curso, quando eu achava que não tinha mais forças para continuar.

Aos meus amados amigos, por não só acreditarem na minha capacidade de vencer desafios, como também por me ajudarem a superá-los.

Aos meus colegas de curso, que juntos quebramos barreiras, desconstruímos estereótipos e caminhamos rumo à aprovação.

RESUMO

Hoje a *Internet* não está só presente na vida das pessoas, como também influencia até mesmo a fala delas. Os próprios usuários brasileiros chamam esse fenômeno de *internetês*, que são palavras surgidas nas redes sociais que acabam se tornando parte da língua no Brasil. Esse trabalho se concentrou no *internetês* influenciado pela língua inglesa, os anglicismos e neologismos virtuais, para desenvolver uma proposta que extraia os benefícios desse fenômeno. Em vista disso, o presente trabalho se baseou nas pesquisas de Perin (2002) e Cândido de Lima (2011) sobre os problemas do ensino de língua inglesa (LI) nas escolas públicas, na tentativa de contribuir para a melhoria desse ensino. Esse trabalho, então, propõe-se a sugerir uma Sequência Didática (SD), de acordo com o conceito de Dolz & Schneuwly (2004), que traz grandes razões para gerar boas expectativas em sua prática. A partir disso, foi considerada a proposta dos documentos oficiais (PCN, 2000; OCN, 2006) para o ensino médio (EM) brasileiro, em função de criar uma proposta que dialogasse com a bagagem cultural e social trazida pelo aluno à sala de aula. Na construção dessa SD, também foi apropriado explorar o que Marcuschi (2008) diz sobre os novos gêneros textuais, ou digitais, e o que diz Lemke (2000) sobre a importância do professor e o aluno saberem o papel dos multiletramentos. Como a proposta se direciona ajudar os jovens brasileiros a conhecerem melhor o gênero textual digital *post*, incluir o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como motivação na SD foi de suma importância, por seguir o que é posto por Tamar (2016), Guedes (2014) e Mishra e Koehler (2006). Além disso, foi pensando na influência da Internet em influenciar pensamentos, comportamentos e a língua, ao estudar as pesquisas de Wu e Wang (2011), que foi possível elaborar uma proposta acerca dos anglicismos e neologismos provindos da *Internet*, muitas vezes criados e compartilhados pelos próprios adolescentes. Portanto, essa SD busca aproveitar do *internetês* da juventude para beneficiar eles mesmos, de forma educacional e significativa.

Palavras-chaves: *internetês*; *Internet*; TICs; gêneros digitais; ensino médio.

ABSTRACT

Today the Internet is not only present in people's lives, but it also influences even their talk. The Brazilian users call this Internet phenomenon of *internetês*, which are words that appear in social networks that become part of the Brazilian language. This work focused on the English-influenced *internetês*, *these are* anglicisms and neologisms, to develop a proposal that extracts the benefits of this phenomenon. In view of this, the present work was based on the research of Perin (2002) and Cândido de Lima (2011) on the problems of English language teaching (EL) in public schools, in an attempt to contribute to the improvement of this teaching. This work then proposes to suggest a Didactic Sequence (DS), according to the concept of Dolz & Schneuwly (2004), which brings great reasons to generate good expectations for its practice. From this, the proposal of the official documents (PCN, 2000; OCN, 2006) for the Brazilian high school was considered, in order to create a proposal that would be dialogued with the cultural and social baggage brought by the student to the classroom. In the construction of this DS, it was also appropriate to study what Marcuschi (2008) says about the new textual or digital genres, and what Lemke (2000) says about the importance of the teacher and the student to know the role of multiliteracies. As the proposal aims to help young Brazilians better understand the post textual digital genre, including the use of Information and Communication Technologies (ICTs) as motivation in SD, was of paramount importance, following what Tamar (2016), Guedes (2014) and Mishra and Koehler (2006). In addition, it was thinking about the influence of the Internet in shaping thoughts, behaviors, and language, when studying the researches of Wu and Wang (2011), that it was possible to elaborate a proposal about the anglicisms and neologisms coming from the Internet, often created and shared by the adolescents themselves. Therefore, this SD seeks to take advantage of youth *internetês* to benefit themselves, in an educational and meaningful way.

Keywords: *internetês*; Internet; ICTs; digital genres; high school.

Lista de Figuras

Figura 1 – Tabela contendo dicas para aprendizagem de um novo idioma	21
Figura 2 – Exemplo de esquema de sequência didática	25
Figura 3 – Utilização do anglicismo <i>crush</i> por uma <i>YouTuber</i>	31
Figura 4 – Utilização do anglicismo <i>TBT</i> por um perfil no <i>Instagram</i>	32
Figura 5 – Exemplo da utilização do neologismo <i>shippar</i> no <i>Twitter</i>	33
Figura 6 – Utilização do anglicismo <i>spoiler</i> pelo canal Omeleteve no <i>YouTube</i>	33
Figura 7 – Utilização do neologismo <i>trollar</i> por um canal no <i>YouTube</i>	34
Figura 8 – Criação de <i>slide</i> com exemplo do neologismo <i>trollagem</i> usado no <i>Instagram</i>	40
Figura 9 – Criação de <i>slide</i> com exemplo do anglicismo <i>crush</i> usado no <i>Instagram</i>	40
Figura 10 – Parâmetro de como deveria ser a postagem feita pelo aluno (notícia)	42
Figura 11 – Parâmetro de como deveria ser a postagem feita pelo aluno (filme)	42
Figura 12 – Parâmetro de como deveria ser a postagem feita pelo aluno (música)	43
Figura 13 – Criação de post utilizando o anglicismo <i>top</i> e o conteúdo <i>Comparative and Superlative</i>	44
Figura 14 – Criação de <i>post</i> utilizando o anglicismo <i>top</i> e o conteúdo <i>Comparative and Superlative</i>	44
Figura 15 – Criação de material a ser impresso para a prática do gênero <i>post</i>	46

Lista de Abreviaturas e Siglas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LE – Língua Estrangeira

LI – Língua Inglesa

EM – Ensino Médio

SD – Sequência didática

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCN/EM – Parâmetros Curriculares Nacionais / Ensino Médio

OCN – Orientações Curriculares Nacionais

OCN/EM – Orientações Curriculares Nacionais / Ensino Médio

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 SPOILER (INTRODUÇÃO)	11
2 UM CROSSOVER DE TEORIAS (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)	13
2.1 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA <i>FLOPPOU</i> NAS ESCOLAS PÚBLICAS?.....	13
2.2 <i>STALKEANDO</i> A BNCC E OS PCNs (ENSINO MÉDIO).....	14
2.3 UM <i>CRUSH</i> EM TECNOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO.....	17
3 SHIPPANDO MUITO A INTERNET COM A MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	20
3.1 <i>GOOD VIBES</i> PARA A SALA DE AULA (MOTIVAÇÃO).....	20
3.2 NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS (GÊNEROS DIGITAIS) SÃO <i>HITS</i> OU <i>HATERS</i> ?.....	23
3.2.1 <i>EASTER EGG</i> (SEQUÊNCIA DIDÁTICA).....	24
3.3 CONTINUE <i>POSER</i> OU SE TORNE MULTILETRADO.....	26
4 #TBT - THROWBACK TO TECHNIQUE (METODOLOGIA)	28
5 UPPANDO ESSA IDEIA (PROPOSTA)	30
5.1 <i>TROLLANDO</i> A LÍNGUA PORTUGUESA (<i>INTERNETÊS</i>).....	30
5.2 DANDO <i>PLAY</i> NESTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	34
5.3 <i>FAKE NEWS</i> OU REALMENTE POSSÍVEIS PROBLEMAS PARA ESSA SEQUÊNCIA?.....	45
GAME OVER (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	48
REFERÊNCIAS	50

1 SPOILER (INTRODUÇÃO)

O filme atemporal de 2004, *Mean Girls*, ou Meninas Malvadas para os brasileiros, exhibe em determinada cena do filme a personagem da atriz Rachel McAdams, Regina George, dizendo para uma de suas “fiéis escudeiras”: “Stop trying to make *fetch* happen.” No Brasil, a fala foi traduzida como “Para de tentar fazer o *barro* acontecer.” O *barro*, na verdade, nada mais é do que uma gíria inventada pela personagem amiga da Regina George, que criou e numa tentativa frustrante quis promover algo similar ao termo *legal*. Essa fala do filme se proliferou entre os jovens daquela época, mesmo ainda sem a forte influência da *Internet*. O filme adolescente, embora considerado clichê, trouxe ainda várias reflexões que permeiam até hoje acerca do que consiste ser um jovem: alguém com atitude para criar algo, mas influenciável ao ponto de imitar.

O início do século XXI foi marcado por filmes assim, que despertavam os delírios da juventude, a qual fazia com que simples falas das personagens se tornassem famosos bordões até os dias atuais, influenciando até mesmo escolhas, comportamentos e a fala das pessoas. A juventude antiga, hoje se une a juventude atual e não só consegue preservar expressões, mas como também reinventá-las. Ao unir o útil ao agradável, a *Internet* e suas redes sociais tornam-se grandes aliadas na propagação dessas diversas manifestações joviais, como a exemplo da influência na comunicação do usuário. Se ontem o *barro* em Meninas Malvadas não deu certo entre as personagens, hoje o *top* da *Internet* é predominante entre os internautas.

Ao reparar um filho adolescente, um irmão caçula, ou um aluno jovem, percebe-se que eles têm algo em comum. Ambos falam a língua portuguesa, mas a língua inglesa (LI) está presente também em suas falas. Isso se deve ao fato de talvez passarem muito tempo *online*, mas do que algumas pessoas gostariam. Mas estar *online* é estar disponível e suscetível à novidades, que é o caso do *internetês*. O *internetês* consiste em todas aquelas gírias oriundas da *Internet*, até mesmo as provindas da LI, essas são anglicismos e neologismos, como no exemplo mencionado acima, *top*. A palavra *top* é usada pelas pessoas para descrever algo extremamente bom, ou legal. É importante ressaltar que mesmo o *internetês* partindo de um adolescente, ele consegue atingir outras faixas etárias.

Muitas dessas criações e compartilhamentos dos adolescentes nas plataformas digitais, são observadas e repetidas por outras pessoas de diferentes idades. Esse é o caso dos anglicismos e neologismos (FERREIRA, 1975; FERRAZ, 2008), que nessa nova geração do universo virtual é encontrado em palavras como *crush*, *selfie*, *story*, *hater*, *flop*, *best*, entre muitas outras. É pensando nessa forte influência da *Internet* e da LI na língua portuguesa no

Brasil, que o presente trabalho, de cunho descritivo e qualitativo, se concentra em explorar os benefícios provindos do uso do *internetês*, especificamente de anglicismos virtuais, por lançar uma proposta de uma Sequência Didática (SD) (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004) nas aulas de língua inglesa para beneficiar a aprendizagem dos jovens do ensino médio (EM) público brasileiro.

Com base nesse tema, este trabalho foi dividido em capítulos, os quais, em seus títulos, aproveitou-se da criatividade para fazer referências ao uso desses vocábulos provindos da língua inglesa. Na Introdução, por exemplo, utilizou-se o termo *spoiler*, que em sua tradução literal é alguém que estraga a surpresa de algo ou alguém. Mas, para muitos usuários brasileiros desse anglicismo, ele é usado num contexto de revelação de informações sobre algo (livro, filme, ou série). Sendo assim, o termo faz jus a essa seção. A criatividade não foi somente aproveitada para fazer referências aos anglicismos, mas também às preferências pessoais, experiências e até homenagens a determinadas pessoas, porém de forma discreta.

Tendo isso em vista, esse trabalho visa apontar os fatos desse contexto contemporâneo. Não seria justo, deixar de contar uma história, a qual estamos vivendo, a era virtual. Afinal, muitos teóricos e professores, que contribuíram para a educação, contaram em seus trabalhos sobre histórias das quais faziam parte. E, assim, como todos eles influenciaram a educação de alguma forma, esse trabalho tem como objetivos contribuir, mesmo que pouco, por retomar o contexto, ou história, em que está inserido, discutir a desvalorização do inglês nas escolas públicas brasileiras (PERIN, 2002), defender a necessidade de uma sociedade multiletrada (ROJO, 2012), apontar a tecnologia como grande aliada (MISHRA; KOEHLER, 2006), quando bem usada e encontrar vantagens para o ensino de LI nessa “intromissão” da *Internet* em nossa comunicação oral e escrita.

Sendo assim, a proposta foi desenvolvida em uma Sequência Didática (SD), que se direciona na identificação desses anglicismos virtuais, para que o professor em sala de aula possa discutir a sua presença por realizar a prática do gênero digital *post* de forma produtiva. Já que o uso de tecnologia desperta o interesse dos alunos, propõe-se usá-la para a contribuição do desenvolvimento de uma sociedade multiletrada. Dessa forma, pretende-se mostrar que o inglês já faz parte do cotidiano dos jovens no espaço que eles mais atuam, a *Internet*, e que eles podem usar esse espaço para refletirem criticamente sobre a sociedade, educação, cultura e etc.

2 UM *CROSSOVER* DE TEORIAS (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

Sabe-se que o ensino da língua inglesa (LI) nas escolas públicas sofre com o descaso dos alunos há tempos (PERIN, 2002). No entanto, esse descaso, ou falta de ânimo não se originou sozinho, ele também é considerado como uma barreira a ser desconstruída pelo professor, já que reflete várias outras dificuldades provindas do cenário regular público (CÂNDIDO DE LIMA, 2011). Fatores como a falta de recursos, ou uma inadequada estrutura contribuem para a insatisfação desse profissional, bem como dos seus alunos. Por essa razão, uma das melhores estratégias do professor para a atualidade é deixar de relutar ao avanço da tecnologia e se aliar a ela, experimentando novas vivências.

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA *FLOPOU* NAS ESCOLAS PÚBLICAS?

Há uma grande repercussão no que diz respeito ao ensino de língua estrangeira (LE) nas escolas públicas. Em relação à LI, é muito comum ouvir de professores que “inglês na escola pública não funciona”. Como também nos mostra o trabalho de Diógenes de Lima (2011) de mesmo título, o qual aborda vários desafios ainda a serem superados no ensino de LI nas escolas públicas do Brasil, principalmente no EM. Afinal, o ensino dessa disciplina no contexto educacional público passou e passa por diversos problemas associados à falta de um local apropriado, à escassez de material didático, carga horária insuficiente, entre outros aspectos que implicam num cenário catastrófico.

Uma pesquisa realizada por Perin (2002) apontou que o equívoco da escola de ensino regular público referente à formação do aluno na educação de uma LE corresponde à abastecê-lo de conteúdos atitudinais, concentrando-se no ensino apenas linguístico ou instrumental da Língua Estrangeira. Nesse caso, propõe-se ensinar um idioma como se esse pudesse ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos. Dessa forma, desconsidera-se outros objetivos, como os educacionais e os culturais. Assim é entendido, em muitos dos casos, o conceito de tornar o aluno “completo”, ou “formado” na LE pela escola.

Nos estudos de Perin (2002), ainda é possível compreender que a posição socioeconômica da grande maioria dos alunos é fator gerador do desinteresse em aprender uma LE nas escolas públicas. Boa parte dos alunos tratam o ensino de língua inglesa e espanhola na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa, na maioria das vezes, a indisciplina em sala de aula o que é ainda pior quando o número de alunos está acima do que a

estrutura da sala de aula pode comportar para o aprendizado de um novo idioma, como acontece em algumas escolas.

Fatores como os citados contribuem para a insatisfação do professor e do aluno. Sendo assim, com o objetivo de aumentar a qualidade de ensino da Língua Inglesa na atmosfera escolar pública e estimular os alunos a participarem das aulas, uma ideia motivadora é o uso de TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) (MISHRA; KOEHLER, 2006). Essas ferramentas novas podem ter a capacidade de otimizar a experiência pedagógica entre professor e aluno, até mesmo na contextualização das aulas de LE, usando valores culturais e sociais.

2.2 *STALKEANDO* A BNCC E OS PCNs (ENSINO MÉDIO)

Uma versão da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC), que ainda não está em vigor¹, por exemplo, diz que o trabalho em sala de aula deve passar pelas habilidades fundamentais (leitura, escrita, fala e audição), mas também estudos gramaticais e interculturais, que estimulam a reflexão sobre as diferentes maneiras pelas quais o inglês é apropriado em países que o têm como língua oficial e naqueles que não o têm como língua oficial. Essa proposta vai de encontro ao que foi observado por Perin (2003). Como mencionado, ela observou que os alunos de escola pública estão sujeitos a aprenderem a língua separadamente de valores sociais e culturais e que não possuem a liberdade de ressignificarem o que aprendem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN/EM) (2002) também argumentam sobre o processo de compreensão que se dá não apenas no ambiente cognitivo, mas também no social, ou intercultural. Mais uma vez, destaca-se a posição de vanguarda do referido documento, quando, em vez de limitar o processo de aprendizagem ao método de repetição, busca ressaltar a importância do desenvolvimento global do conhecimento. Os PCN/EM (1999) advogam que a meta para o ensino de LE no Ensino Médio é a comunicação oral e escrita, as quais o documento entende como ferramentas imprescindíveis no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal. As competências esperadas do aprendiz almejam a língua em todo o seu potencial, sem privilegiar apenas uma habilidade.

¹ A proposta da BNCC para o ensino médio foi entregue pelo MEC ao CNE em abril deste ano e a expectativa é de que o documento seja homologado no fim de 2018. A etapa do ensino médio da BNCC, assim como ocorreu na elaboração da proposta para a educação infantil e o ensino fundamental, homologada em dezembro de 2017, é esperada como o marco para orientar os currículos desta fase de ensino (BRASIL, MEC, 2018).

O documento ressalta, ainda, a importância do ensino de LE na formação global de jovens e adultos, pois lhes dá a oportunidade de acessar o conhecimento nas diversas áreas da ciência, nos meios de comunicação, nas relações entre as pessoas de várias nacionalidades, sem esquecer a importância no uso de tecnologias também. A aprendizagem de LE é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

Sendo assim, o documento não instrui que o foco deve ser em uma habilidade específica, ou voltar-se para algo que não esteja conectado com o interesse do aluno. Ao contrário, afirma que o ensino de LE

[...] desenvolve o interesse pela leitura e pela escrita, ao propor textos compatíveis com os interesses e as necessidades dos alunos – artigos de jornais e revistas, textos educativos e científicos e livros variados compõem a base para uma percepção mais crítica da realidade, ao mesmo tempo que servem ao insumo para aos alunos elaborarem novos textos. (PCNs EM, 2002, p. 69).

Por buscar motivar o aluno, usando recursos que despertem o interesse e atendam às necessidades dele, o professor vai estar não apenas construindo uma aula produtiva para os dois lados, mas também incentivando o uso da língua inglesa fora da sala de aula.

A BNCC para o Ensino Médio (EM) também traz uma visão de otimização e progresso das aulas de língua inglesa dessa etapa. Ela ainda possui grandes contribuições para as aulas de língua inglesa, como os Eixos de Práticas de Linguagem. Ou seja, ela transforma o objeto de aula do professor de línguas em práticas de linguagem, possibilitando-o organizar as suas aulas não mais por tópicos gramaticais. Dessa forma, o professor pode usar situações comunicativas para os alunos usarem ou praticarem a língua.

Um exemplo disso é que no Eixo de Prática de Leitura, nas atividades de interpretação de texto propostas, a BNCC dá instruções simples: identificação do tema, reconhecimento da organização do texto e localização de informações específicas. De forma simples, ela se contrapõe a exigência de que os professores devam apresentar apenas textos que os alunos consigam traduzir todas as palavras. Sendo assim, quando o aluno estiver no ensino médio, ele vai poder relacionar as informações encontradas no texto, voltados para o uso da língua, e não apenas para a estrutura ou vocabulário.

É justamente no EM que o aluno passa a desenvolver melhor seu senso crítico, por fazer reflexões sobre a situação do mundo, ter uma maior participação nas obras sociais e produção de conteúdo cultural. É nessa perspectiva que a BNCC mostra várias possibilidades da

contextualização das aulas para que os alunos possam se sentir mais engajados com o que estão aprendendo. Já que é possível encontrar as expressões dos jovens na música, na dança, no cinema, na moda, na rádio, em gírias e, hoje mais do que nunca, na *Internet*, o professor pode usar todos esses espaços ao seu favor.

E, assim como mencionado, não só na BNCC, mas os PCNs já defendiam o ensino contextualizado da língua. E, cita como exemplo de estímulo àquilo que chama de “ato de aprender” elementos como jornal, livro, música, cinema, entre outros. Verificou-se, então, que os documentos mencionados reconhecem o complexo processo de desenvolvimento da compreensão no discente, destacando a importância da diversidade de culturas e experiências em sala de aula.

Nada mais justo do que buscar essa diversidade no que o aluno traz para a sala de aula, como exemplo, da sua tecnologia e sua linguagem, já que as atividades humanas têm sido cada vez mais variadas e complexas, tendendo a incorporar novos gêneros para atender às novas demandas sociais, culturais etc.

Esses novos gêneros partem das principais teorias de gêneros. Segundo Rojo (2009), elas podem ser divididas em duas vertentes, as quais essa mesma autora nomeia como teoria de gêneros do discurso e teoria de gêneros de texto, ambas fundamentadas em releituras da obra de Bakhtin (1997). A teoria dos gêneros do discurso centra-se “sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio históricos” (p. 185) e a teoria dos gêneros de texto centra-se na descrição da materialidade textual. Entende-se que o trabalho com gêneros, na escola, deveria estar baseado nessas duas vertentes, para que haja uma exploração mais efetiva da imensa gama de possibilidades de análise dos textos.

Sendo assim, os novos gêneros, assim como os já existentes, têm moldado com frequência os alunos através do fácil acesso às informações provindas das novas tecnologias. Bazerman (1997, p. 14) afirma que

Gêneros moldam os pensamentos que nós formamos e as comunicações pelas quais interagimos. Gêneros são espaços familiares nos quais nós criamos ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são guias que usamos para explorar o não familiar [...]

A partir desse conceito, surge uma reflexão no aprimoramento das práticas pedagógicas. Isso não deve fazer o professor pensar que vai mudar toda a estrutura de suas aulas, mas que ele deve reconsiderar a forma como elas estão sendo ministradas e o que pode ser feito para

melhorá-las, para ajudar os alunos a atenderem essas novas demandas. Essas novas demandas, ou novos gêneros textuais, podem ser lidos de acordo com a perspectiva de multiletramentos.

O Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Médio (SEDF, 2014), prioriza a formação de uma sociedade multiletrada por destacar que uma prática pedagógica deve levar em conta a riqueza de linguagens e culturas, que só favorecem o desenvolvimento de letramentos nas pessoas. Tendo esses letramentos desenvolvidos, as pessoas serão capazes de compreender a linguagem com um olhar no âmbito escolar, institucional, artístico e até de entretenimento. Segundo Rojo (2009, p. 107), uma das prioridades da escola é “possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Com a crescente onda da modernização, desde a Revolução Industrial (1760-1840), o mundo e, especificamente, a educação se viram na situação de acompanhar a globalização. Essa necessidade está mais conectada ao conceito de multiletramento do que se imagina, pois se não houver cidadãos multiletrados também não haverá cidadãos capazes de acompanhar esse interminável processo, que exige uma leitura do mundo, a capacidade de interpretá-lo e de criticá-lo. Sendo assim, a escola deve abandonar esse hábito retrógrado de educar seres para repetir e contribuir para torná-los aptos para pensar, inovar e criar.

2.3 UM *CRUSH* EM TECNOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO

Os padrões na educação estão ganhando cada vez mais não só aperfeiçoamentos, mas novidades também, como, por exemplo o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs - não só para trazer vantagens às aulas, mas para também otimizar a relação entre professor e aluno (MISHRA; KOEHLER, 2006). Nas aulas de língua inglesa (LI), por exemplo, as novas tecnologias têm dado mais possibilidades do professor ressaltar a valorização sociocultural e ainda atingir os interesses do aluno (PCN/EM, 2002).

Num âmbito de globalização, pode-se dizer que existe uma mudança significativa acontecendo, que torna o contemporâneo sinônimo de novas mídias. Considerando isso, a sociedade acaba sendo condicionada aos meios que ela cria. Através desse avanço midiático, o indivíduo pode não só criar algo, mas, por conseguinte, também compartilhar. A *Internet* tem permitido que qualquer um com acesso possa se erguer em posição de valor na sociedade e essa pode ser uma vantagem para o cenário educacional.

Os profissionais da área pedagógica estão cada vez mais seguindo essa modernização e, dessa forma, aderindo ao que torna simples sua comunicação com os alunos, como é possível

compreender com a triagem realizada por Huang, Yang, Chiang, Su (2016). Em sua metanálise, foi possível comprovar que os dispositivos móveis têm trazido considerável e benéfica mudança para a educação e, principalmente, para o ensino de LE. Já que o estudo confirma que os TICs estão numa tomada crescente pelas gerações, nada melhor do que buscar usá-las da melhor forma nas salas de aula.

Tendo isso em vista, é possível concluir que os professores estão agindo de acordo com o que Tardif e Lessard (2014) afirmam sobre a evolução da sociedade. Eles afirmam que essa evolução da sociedade tem se propagado de forma muito ampla e rápida. Portanto, tal evolução, ou globalização, como muito é referida, traz implicações para a educação, fazendo com que os educadores se adequem a essa nova circunstância, que abriga docentes e discentes em seus problemas, mas também facilidades.

Na pesquisa realizada pela professora Tamar (2016), é possível compreender que a tecnologia tem sido, sim, eficaz nesse aspecto: tem tornado possível a integração à educação de todas as pessoas. Quando a democratização do conhecimento se faz presente, qualquer um tem acesso à informação, do mais ao menos favorecido socialmente. E, para que essas questões sociais sejam contempladas, é necessário que haja moderação no uso de TICs em sala de aula, afinal elas não devem ofuscar o protagonismo humano, já que ao serem utilizadas, elas devem somar e não, por si só, equacionar os problemas educativos, como a professora afirma. Ela menciona: “Nós ainda não produzimos um computador com um programa capaz de processar a complexidade do ato de educar.” (TAMAR, 2016, p. 01).

Dessa forma, fica claro que o papel do professor para mediar esses recursos tecnológicos é indispensável. Para isso, é importante que ele tenha conhecimento tecnológico (*Technology Knowledge* ou TK), de acordo com Mishra e Koehler (2006). Segundo esses autores, os professores precisam dominar não apenas o conteúdo objeto da aula, mas também como esse conteúdo pode ser abordado utilizando-se de recursos tecnológicos. Esta confluência de conteúdo, pedagogia e tecnologia Mishra e Koehler denominam TPCK (*Technological Pedagogical Content Knowledge*) ou Conhecimento de Conteúdo Tecnológico e Pedagógico, e devem ser vistas em conjunto e não separadamente.

Retomando o trabalho da professora Tamar (2016), ela complementa esse pensamento dizendo que é necessário para o professor mapear a realidade da qual os seus estudantes participam. Isso será necessário independentemente da sua disciplina. Ou seja, um professor de LI deve procurar saber quais são as aquisições digitais dos alunos, qual é a relação que eles estabelecem com elas e, assim, conseguir propor uma atividade que tenha como alvo não só o

desenvolvimento linguístico, mas também o cognitivo, ou o cultural, ou o emocional, ou o social, ou até o econômico.

Em suma, não é suficiente apenas querer utilizar tecnologia, sem ao menos saber o propósito dela para a aula. É importante que ao planejar uma aula, o professor se atenha em pontuar o porquê do uso de tecnologias, quais usar, para quem usá-las e como usá-las. Em vista disso, a discussão é muito mais extensa do que apenas querer inserir tecnologia em sala de aula, ela deve despertar uma reflexão crítica não só no educador, mas também no aluno.

3 SHIPPANDO MUITO A INTERNET COM A MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

A *Internet* possui potencial em influenciar comportamentos humanos, suas escolhas e sua fala (WU; WANG, 2011). Tomando a influência da *Internet* como princípio, o professor de LI pode usá-la como ferramenta que pode proporcionar motivação em sala de aula. Por que, então, não utilizar o que os alunos mesmos criam e compartilham nas redes sociais, em prol de incentivá-los a estudar mais (PILETTI, 2004)? Este trabalho pretende responder essa questão, ao alegar os pontos positivos de usar não só TICs, mas também a *Internet* em sala de aula de forma moderada (TAMAR, 2016), por argumentar que adolescentes tendem a se empenhar por algo quando são convencidos que o objetivo é realmente vantajoso (WATCH TOWER, 2012).

3.1 GOOD VIBES PARA A SALA DE AULA (MOTIVAÇÃO)

A motivação é um fator essencial para que haja dedicação nos estudos. Ao visar um melhor desempenho dos seus alunos na LI o professor deve estar disposto a criar estratégias de ensino. Uma dessas estratégias é usar o que o próprio aluno traz de sua “bagagem” para a sala de aula (PCN/EM). Não se deve negligenciar os motivos daquele aluno que ainda vai à escola, mesmo com todos aqueles problemas citados na primeira seção. Esses motivos podem nortear o professor para desenvolver a aula de inglês mais interessante que ele conseguir.

Os motivos para a aprendizagem dependerão de uma predisposição do aluno, sendo estabelecidos por atitudes vindas do próprio aluno ou até mesmo proporcionados pelo ambiente em que o indivíduo está, seja na família, no grupo de colegas ou na própria sala de aula. Por essa razão, Piletti (2004) comentou o seguinte sobre a motivação

[...] o homem decide conscientemente o que ele quer ou não quer fazer. Você pode estar interessado no estudo da matemática porque acha que este estudo será útil para você no trabalho, interação social ou apenas para satisfazer sua curiosidade ou porque você se sente bem quando estuda matemática. (PILETTI, 2004, p.66)

Com essa menção, fica claro concluir que o aluno não vai se empenhar o suficiente se ele não estiver motivado.

A revista *Desperta!* (WATCH TOWER, 2012), publicada pela associação Torre de Vigia das Testemunhas de Jeová, confirmou isso ao realizar, em 2012, uma pesquisa com relação ao nível de interesse de adolescentes e crianças em estar na escola. A organização

concluiu que para os jovens: “Ir à escola sem um objetivo é como correr numa pista sem linha de chegada.” (WATCH TOWER. 2012, p. 07) Ou seja, as aulas fazem mais sentido quando elas são atrativas para os alunos, podendo estar conectadas com os planos deles e, principalmente, com a realidade deles. O mesmo foi citado numa tabela produzida também pela associação, em 2016, que tinha como finalidade ajudar adolescentes que desejam aprender um novo idioma.

Figura 1 – Tabela contendo dicas para aprendizagem de um novo idioma.

OS JOVENS PERGUNTAM | TABELA JW
ORG

Dicas para aprender uma nova língua

1


TENHA UM OBJETIVO

Qual idioma você gostaria de aprender, e por quê?

Idioma:

Motivo(s):

“Por que você tá aprendendo uma língua nova? Faça uma lista com os seus motivos. Ah, sempre que ficar com vontade de desistir, dê uma olhada nessa lista.”
— Serina.




2

CONTE COM A AJUDA DE OUTROS

Escreva o nome de algumas pessoas que podem te ajudar quando você tiver alguma dificuldade.

“Quando eu tava aprendendo espanhol, eu tinha contato com um grupo de pessoas que também tavam aprendendo espanhol. Eu conversava com eles sobre as dificuldades que tiveram e como conseguiram vencer. Isso foi uma ajuda e tanto.” — Helena.

“Você só vai ficar fluente numa língua se mergulhar de cabeça nisso.”
— Christopher.



WATCH TOWER LIBRARY, 2016, p. 01.

De acordo com o professor Rob Kling (1993) do *Center for Social Informatics and Information of Science Indiana University* (Centro de Informática Social e Ciência da Informação da Universidade de Indiana), as novas tecnologias de comunicação são muitas vezes investidas de esperanças de mudança e motivação dos usuários. "Assim, diz-se que a

Internet é inerentemente democrática, nivelando distinções tradicionais de *status* social e criando oportunidades para indivíduos e grupos menos poderosos participarem ao mesmo nível de membros de grupos mais poderosos." (IUB, 1998). Em geral, a oportunidade está na comunicação chegar a todos, não importa seu *status* social. Dessa forma, qualquer um pode ter a oportunidade de ter o primeiro contato com outro idioma através das mídias sociais.

Qualquer um pode ter oportunidades, mas é importante escolher a melhor maneira de interpretar e usar essas oportunidades tecnológicas. Este processo é chamado *affordance* (GIBSON, 1986) e também está presente quando você decide assistir um *YouTuber* ou ler um comentário de algum "blogueiro" para usar em um propósito. Qual é o seu propósito ao usar esse processo com seus alunos? Se você quer que eles desenvolvam habilidades no idioma alvo, você pode escolher essa finalidade. Os estudos de Gibson (1986) servem como uma janela para a compreensão desse processo. Segundo ele, as *affordances* estão intimamente ligadas à ideia de percepção e ação.

O uso da *Internet* como um local para disseminar comentários e recomendações sobre preferências ganhou popularidade, principalmente devido ao recurso bidirecional que permite aos usuários compartilhar experiências, alcance e velocidade na propagação de mensagens. Este é o papel dos influenciadores digitais. De acordo com uma pesquisa publicada em 2011 (WU; WANG, 2011), os internautas, em seu processo de tomada de decisão, geralmente, levam em conta as opiniões dos outros, a fim de reduzir os riscos na escolha que eles fazem, independentemente da escolha.

É possível ver, neste estudo, qual é o principal fator para que isso aconteça. O primeiro contato seria a motivação. A motivação pode atingir qualquer pessoa, mesmo que o indivíduo não aprenda outra língua, em princípio. Ele pode acessar a *Internet* e se tornar *online* para o conhecimento do mundo virtual. Como já bem citado pela presente pesquisa, a proposta da BNCC para o Ensino Médio esclarece que um dos espaços mais utilizados para manifestações juvenis é a própria *Internet*, as plataformas digitais de comunicação.

Segundo os estudos de Guedes (2014, p.17), "há duas opções de se lidar com a tecnologia: lutar contra ela, proibindo seu uso em ambiente escolar ou aceitá-la e usá-la a favor da aprendizagem". Essa afirmação nos faz lembrar um famoso ditado popular que diz que "se você não pode com o inimigo, deve juntar-se a ele". Isso não significa que as tecnologias se constituem como inimigas da aprendizagem, como já discutido nessa revisão bibliográfica, mas que é possível integrá-las ao processo de ensino aprendizagem e obter resultados positivos.

3.2 NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS (GÊNEROS DIGITAIS) SÃO *HITS* OU *HATERS*?

Os gêneros textuais têm se proliferado no espaço que os adolescentes mais se manifestam, na *Internet*. Pode-se dizer que o *email* foi o pontapé para esses novos gêneros (MARCUSCHI, 2008). Atualmente, existem *posts*, *chats*, entre outros gêneros digitais que influenciam o comportamento, os pensamentos e a comunicação nos meios de interação entre os indivíduos (BAZERMAN, 1997). Ao unir o útil ao agradável, enxerga-se que a *Internet* também possui esse potencial em influenciar comportamentos humanos, suas escolhas e sua linguagem.

De acordo com os estudos de Marcushi (2008), a comunicação verbal só existe em função dos gêneros textuais. Ele alega que gêneros textuais são tipificados como sendo flexíveis e modificáveis. Alguns exemplos de gêneros textuais citados por ele são a carta, o telegrama, o texto jornalístico, telemensagens, teleconferências, ou reportagens ao vivo. Ele cita até mesmo *e-mails*, bate-papo-virtuais e aulas virtuais, como o presente trabalho foca também como novos gêneros textuais, mencionados no capítulo anterior.

Nos estudos do autor (MARCUSCHI, 2008), é possível compreender que os gêneros conseguem contribuir com a comunicação diária, por estarem relacionados aos fenômenos cultural e social, já que são implicações do trabalho coletivo. Além disso, os gêneros também são afetados pela mudança do tempo, das relações de poder, da cultura, das tecnologias, tornando-se vinculados estreitamente a esses aspectos. Dessa forma, os gêneros mudam, mas mantêm seu compromisso com o caráter funcional e a inovação organizacional.

Marcuschi (2008) menciona também que, perante a cultura eletrônica, como o gravador, o telefone, o rádio, a TV e, principalmente, o acesso à *Internet* com o uso do computador, pode-se observar uma demanda de novos gêneros, que são localizados tanto na oralidade como na escrita, em diferentes meios de interação. E, assim como seres vivos, os gêneros também nascem, expandem-se, organizam-se e ainda se adequam nas culturas, as quais estão inseridos. Dionísio (2004), por conseguinte, salienta que ações sociais podem ser consideradas fenômenos multimodais e, por assim dizer, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais.

Tanto o conceito de multiletramentos, como o de multimodalidade esclarece que há importância e necessidade para a ressignificação do ensino-aprendizagem de discentes e docentes. As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN/EM, 2006, p. 29) mencionam que

[...] a escola que pretende promover a inclusão e a diversidade não pode apenas abordar o letramento da letra, mas englobar os múltiplos

letramentos que envolvem uma enorme variação de mídias e se constroem de forma multissemiótica e híbrida, a partir dos hipertextos na imprensa ou na *internet*, em vídeos, filmes, dentre outros.

Ainda existem educadores que, por opção, falta de confiança, ou até mesmo de capacitação (TAMAR, 2016), acabam relutando e se mantendo nos moldes convencionais da educação, mesmo diante de tantos avanços tecnológicos. Mediante isso, resistir a inovação, ou a adesão de recursos tecnológicos, pode trazer grandes desvantagens, como a falta de uma abordagem dos multiletramentos ou de textos multimodais, ambos advindos da mídia.

A verdade é que a comunicação na *Internet* gerou novos gêneros e alterou outros, confirmando que eles estão a serviço dos falantes e às necessidades de seu tempo. Se antes enviávamos cartas, hoje enviamos *e-mail*, que pode ser descrita como uma adaptação virtual que dispensa o papel e a caneta. Se há pouco tempo enviávamos mensagens de celular (SMS), hoje utilizamos as redes sociais para deixar um recado para nossos amigos. Contudo, é importante salientar que, embora os meios tenham sido modernizados, a estrutura da comunicação e a forma com a qual nos expressamos continuam seguindo parâmetros que estabelecem uma relação dialógica com formas textuais preexistentes.

Embora novos gêneros textuais estejam surgindo, entre eles os gêneros digitais, é importante refletir que eles podem ser definidos porque apresentam elementos que possibilitam isso, além de manterem características de gêneros já estudados. Por exemplo, ao escrever um e-mail, automaticamente surge em nossas mentes a estrutura de uma carta, pois é normal que iniciemos nosso texto utilizando características de uma carta tradicional, como a identificação do remetente e a despedida.

Por isso, é incorreto pensar que a comunicação virtual é desorganizada, que não respeita tipologias ou gêneros, tampouco os níveis da linguagem. O fato é que o mundo virtual e a comunicação estão intrinsecamente relacionados, o que nos têm proporcionado novas e ricas descobertas para o campo da linguagem e algo que contribui para a análise dos gêneros em sala de aula é o uso de sequências didáticas (SD).

3.2.1 *EASTER EGG* (SEQUÊNCIA DIDÁTICA)

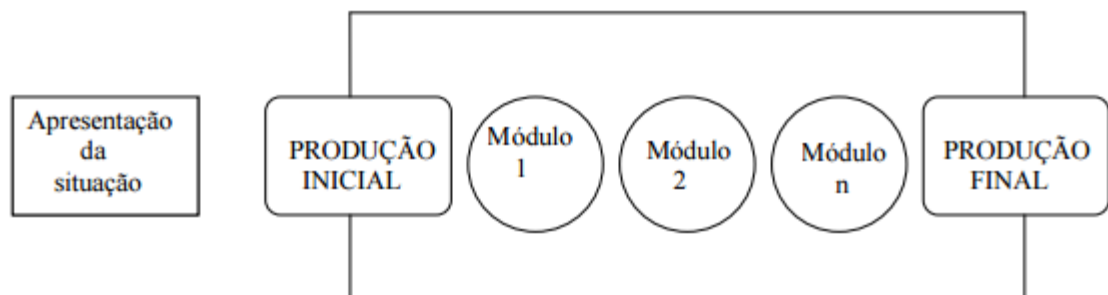
Ao pesquisar sobre o termo Sequência Didática (SD), descobre-se que surgiu em 1996, nas instruções oficiais especificamente para o ensino de línguas na França, quando pesquisadores viram a necessidade de superação da classificação dos conhecimentos no campo

do ensino de línguas. Para Dolz & Schneuwly (2004: 53), “ela procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação”. De forma metódica e planejada, uma SD é desenvolvida e posta em prática acerca de um gênero textual oral ou escrito. Os aspectos a serem observados e trabalhados irão além da gramática normativa, pois também se tratará de uma profunda análise linguística.

É importante salientar que uma SD não é o mesmo que um Plano de Aula. Uma SD pode ser produzida em etapas, como mencionado, organizadas de acordo com o objetivo e ser trabalhada durante o ano todo, não somente numa aula (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004). No caso da proposta a ser apresentada, por exemplo, o objetivo é que o professor consiga alcançar durante um semestre escolar de uma turma do Ensino Médio uma maior eficiência no processo de aprendizagem dos seus alunos.

Além disso, esse sistema pode ser utilizado em todas as disciplinas e nessa proposta ela vai auxiliar o professor de língua inglesa a organizar esse trabalho em sala de aula de forma gradual, partindo de habilidades que os alunos já dominam, não só na LI, para poder alcançar a melhor forma de progredir na comunicação do idioma alvo. Ela pode ser dividida em quatro etapas: apresentação, produção inicial, módulos e produção final.

Figura 2 - Exemplo de esquema de sequência didática



Fonte: DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 98.

Na Apresentação de uma SD sobre gêneros textuais, deve-se esclarecer qual gênero será trabalhado e como os alunos farão isso ao longo de toda a sequência. Já na Produção Inicial, os alunos poderão expor o que sabem e pensam sobre o assunto, podendo ser por meio de produção de texto, conversas, etc. A produção inicial também se trata de uma avaliação prévia e é através dela que o professor conhece as dificuldades dos alunos e obtém meios de estabelecer quais atividades deverão ser empregadas na SD. Durante os Módulos, os alunos praticam aspectos relacionados tanto ao gênero, quanto a aspectos léxico-gramaticas, fonéticos, entre outros, e

ainda é o momento de superar as dificuldades encontradas. Por fim, na Produção Final é o momento do professor avaliar o que os alunos conseguiram aprender no decorrer da sequência didática. Há uma comparação entre produção inicial e produção final.

3.3 CONTINUE *POSER* OU SE TORNE MULTILETRADO

Com a evolução da tecnologia, os multiletramentos têm sido cada vez mais estudados, em função de ir em busca da compreensão das necessidades da sociedade, não só de uma, mas de todas. Vale lembrar que essas necessidades incluem a formação educacional de cidadãos, em como a evolução da interação humana afeta essa formação. De acordo com Dionísio (2011), essa evolução está vinculada sim ao desenvolvimento tecnológico.

O letramento vai se derivando das experiências de cada pessoa, da maneira como ela enxerga o mundo e de como ela o afeta, independentemente de ela ser alfabetizada ou não. Almeida (2006, p. 139) afirma que:

O letramento não se preocupa com a decodificação de signos linguísticos ou sinais gráficos ou quaisquer outros elementos de normas superiores. O letramento é a realidade nua e crua de uma visão de mundo e, portanto, das coisas que cada ser humano carrega consigo independente de ter tido o acesso ou não à escola. É o letramento a beleza mais singular do conhecimento humano. É o letramento a base para o início ou a base para o processo de desconstrução [...]

Sendo esse o conceito de letramento apresentado por Almeida (2016), é possível distanciar do conceito de Multiletramentos, que é praticado a partir da integração das novas tecnologias e das variadas maneiras das pessoas se comunicarem entre si e com o mundo à sua volta, visando monitorar a multiplicidade dos usos da linguagem (COPE; KALANTZIS, 2000).

Como já mencionado, em prol de um objetivo crítico, pluralista, ético e democrático, é interessante e fundamental levar em conta a bagagem cultural do aluno, não importa se essa bagagem é de cunho local, popular, de gênero, ou oriunda da mídia e da linguagem que lá permeia, assim como destaca Rojo (2012).

Os avanços tecnológicos vieram, entre inúmeros motivos, para se unirem a educação como nunca, trazendo possibilidades e recursos para a facilitação da construção do conhecimento. No entanto, ainda são muitos os educadores que não despertaram para as vantagens de uma aula mais multiletrada e que faça uso de textos multimodais, embora haja milhares de estudantes de todas as classes sociais que estão cada vez mais indo de encontro às

novas tecnologias. Assim como para qualquer professor, um professor de LE precisa tentar abraçar as vantagens dos multiletramentos e textos multimodais. De acordo com Lemke (2000, p. 269),

[...] para que multiletramentos e gêneros multimodais sejam incorporados no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que professores e alunos tenham conhecimento do papel de cada um deles, ou seja, do que eles são, para que são usados, que recursos empregam, como podem ser integrados um ao outro, e a sua formatação, levando-se em consideração seus valores e limitações.

Dionísio (2005), define a multimodalidade como relacionada às muitas formas de veicular as mensagens na construção linguística. Essa definição é semelhante ao que se vê nas orientações curriculares para o EM, onde a multimodalidade é vista com uma gama de características, tanto visuais, como escritas, e sonoras, apresentadas numa página de *web*, onde o leitor se aproxima, com o que mais lhe chama a atenção, tornando assim a leitura mais proveitosa.

Essas diferentes formas de representação da linguagem, como por meio do som, imagem e linguagem verbal, motivam o indivíduo a aprender. Para Peixoto e Lêdo (2009), as mídias virtuais não existem sem a multimodalidade. A multimodalidade vai permitir uma maior integração na produção de significados e isso será possível através do imenso leque de recursos virtuais oferecidos ao indivíduo.

4 #TBT - THROWBACK TO TECHNIQUE (METODOLOGIA)

O presente trabalho contou com uma pesquisa de gênero bibliográfico e caráter qualitativo, pois em sua produção foi realizado um levantamento que partiu da análise de fontes secundárias, como livros, artigos, documentos e periódicos, que abarcaram, de diferentes maneiras, o tema escolhido para o estudo. Já que a pesquisa tinha como finalidade elaborar uma proposta, não foi apenas necessário delimitar o tema, mas também definir qual seria o público alvo e o campo em que essa proposta estaria sendo direcionada. Sendo assim, esse trabalho foi proposto no intuito de inserir anglicismos virtuais nas aulas de LI no Ensino Médio situado no ensino regular público.

Ao considerar todos os rudimentos estudados nessa pesquisa, foi possível criar uma proposta para o nosso EM brasileiro, que pudesse amenizar as dificuldades de aprendizagem e as provindas da realidade do aluno, com base nas impressões de Diógenes de Lima (2011) e Perin (2002). Também, criou-se uma proposta que pudesse seguir o que os documentos oficiais dizem com respeito a como deve ser o ensino-aprendizagem da LE no Ensino Médio (PCN/EM), ao considerar também o uso dos novos gêneros textuais, os gêneros digitais (MARCUSCHI, 2008; DIONÍSIO, 2011).

Assim sendo, foi então estabelecido que deveria haver um aspecto que gerasse motivação para o engajamento dos jovens nas aulas de língua inglesa (PILETTI, 2004) e o aspecto selecionado foi o uso da tecnologia dentro e fora da sala de aula. Para isso, utilizou-se as constatações dos trabalhos de Huang, Yang, Chiang, Su (2016), Tamar (2016), Mishra e Koehler (2006) e Guedes (2014), que defendem o uso de TICs em sala de aula e afirmam que essas tecnologias, quando bem usadas, tornam-se ótimas aliadas do educador. Estabelecido o uso de TICs, os mesmos foram definidos como ponto de partida para a proposta.

No entanto, a pesquisa não se limitou a apenas incluir aparelhos tecnológicos, foi aderido também o uso da *Internet* como o coeficiente gerador de interesse nos alunos em estudar a LI. Não somente isso, mas a mesma também foi considerada nessa pesquisa como um espaço onde se agrupam as expressões juvenis, um espaço que serve para criar, compartilhar e influenciar (IUB, 1998; WU; WANG, 2011). Para essa proposta, a *Internet* também foi enxergada como um espaço onde há o surgimento de novos gêneros (MARCUSCHI, 2008), gêneros digitais, de novas palavras (anglicismos e neologismos), que são compartilhadas e inseridas a nossa linguagem, que muda segundo a passagem do tempo (BAKHTIN, 1997), corroborando o conceito de multiletramentos (ROJO, 2012).

Portanto, realizou-se estudos sobre os conceitos de anglicismos e neologismos, com base no que diz Ferraz (2008) e Ferreira (1975) para produzir uma proposta que trouxesse foco para o quanto as palavras da língua inglesa estão presentes no cotidiano dos adolescentes/estudantes. Por eles estarem mais presentes do que nunca na *Internet*, esse foi o espaço escolhido para colocar em prática a atividade. Sem esquecer também, que foi pensado ressaltar os interesses sociais e culturais que os próprios alunos trazem para a escola (PCNs/EM, 2002). Por fim, foi elaborada uma sequência didática (SD), que tomou como base todos os aspectos citados.

5 UPPANDO ESSA IDEIA (PROPOSTA)

A presente proposta busca apresentar uma SD que foca no uso do gênero digital *post*, por conciliar o conhecimento prévio dos alunos do EM com o conteúdo léxico-gramatical. A proposta consiste em eles explorarem os aspectos que configuram tal gênero digital e ainda explorarem o quão rica e proveitosa pode ser a *Internet* e seus formadores de opiniões (*bloggers*, *youtubers*, *vloggers*) para o ensino da LI, através do uso do *internetês*, no caso desse trabalho, de anglicismos e neologismos virtuais.

5.1 TROLLANDO A LÍNGUA PORTUGUESA (INTERNETÊS)

Ao estudar sobre as teorias de Bakhtin (1997), pode-se ver que ele não adere a ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico, ou tampouco homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico com leis específicas que reúnem o signo da língua no interior de um sistema fechado, segregado de valores ideológicos. A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação. Sendo assim, a natureza da língua seria basicamente dialógica.

De acordo com essa teoria, é possível observar que ao longo de seu tempo histórico, as línguas mudam: há mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e léxico-semânticas. A língua não é, como muitos acreditam, algo inflexível, homogêneo. Ao invés disso, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca pára. Ou seja, a mudança linguística é universal, constante, gradativa e proativa, apesar de apresentar considerável estabilidade.

A nossa língua portuguesa, por exemplo, sofreu alterações com o passar do tempo. Uma evidência disso é a presença forte de neologismos, que pode ter como definição “produzir formas e significados inéditos no léxico de uma língua” (FERRAZ, 2006). Ou seja, é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Geralmente é criada a partir da junção de duas palavras já existentes.

Já o termo Anglicismo, vem do francês *anglicisme* e consiste em toda palavra ou locução inglesa introduzida em outra língua e empregada como se desta o fosse, de acordo com Ferreira (1975). Essas palavras provenientes do inglês e usadas na Língua Portuguesa, geralmente são usadas para designar objetos, ou fenômenos novos. Muitas vezes quando há dificuldades em traduzir, aculturação, ou ainda vontade de parecer distinto, que levam à preferência por palavras inglesas, ao invés de vernáculas. Considerando a propagação em massa do mundo virtual em

que nos encontramos, os neologismos e anglicismos se fazem presentes na *Internet* mais do que em qualquer outro espaço. O fato é que a *Internet* começou a reinventar nosso vocabulário.

Muito presente na vida dos jovens, o universo dos *youtubers*, *bloggers*, ou *vloggers*, as redes sociais, com as expressões típicas da *Internet*, são espaços que eles mais frequentam (NITRONEWS, 2017). Por exemplo, *Blog* vem da palavra *weblog*, um site onde as pessoas escreviam uma espécie de crônica (CIBERJORNALISMO, 2003). Com o tempo, o termo *blog* foi adotado e popularizado. O *Blogger/blogueiro* é uma pessoa que escreve sobre algo em um *Blog*. Essas pessoas usam o *blog* para escrever sobre o assunto de que gostam, ou sobre opiniões pessoais (NITRONEWS, 2017).

Com a chegada das plataformas de vídeo, principalmente do *YouTube*, os *vloggers* e *youtubers* começaram a surgir, ou seja, as pessoas com um *vídeo blog*, que em vez de expressar seus sentimentos e opiniões através da escrita, contam à câmera suas ideias e opiniões sobre qualquer assunto (NITRONEWS, 2017). Ou seja, o *youtuber* envia vídeos de si mesmo falando sobre um determinado tópico. Existem *youtubers* sobre moda, música, filme, game, um tópico engraçado, entre outros temas diversos.

O *vlogger* é uma pessoa que também se expressa por vídeos. Porém, diferente de um *youtuber*, um *vlogger* conta uma história muito organizada, um vídeo após o outro (NITRONEWS, 2017). Ele possui uma galeria de vídeos em uma sequência editada, contando uma história, cronologicamente. Duas plataformas digitais muito utilizadas para essas histórias são o *SnapChat* e o *Instagram*.

Em ambos os casos, palavras são inventadas, reinventadas, divulgadas e compartilhadas. *Crush*, por exemplo, é uma gíria em inglês que significa “paixão súbita” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2018). Numa tradução próxima seria ter uma “quedinha” ou “paixonite” por alguém. Ou seja, “minha *crush*” quer dizer “minha paixão”, no português.

Figura 3 – Utilização do anglicismo *crush* por uma *YouTuber*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fy5cbFxoS2M> Acessado em 27 de Setembro de 2018.

Um outro exemplo é a famosa marcação (*tag* nas redes sociais) *TBT*, que significa *Throwback Thursday*. Em português seria algo como “Retrocesso de quinta-feira”. A *tag* é usada nas redes sociais somente às quintas-feiras para as pessoas compartilharem suas fotos do passado (DICIONÁRIO INFORMAL, 2018). Ex.: “#*TBT* de quando eu era criança”.

Figura 4 – Utilização do anglicismo *TBT* por um perfil no *Instagram*.



Fonte:

https://www.instagram.com/%2Fp%2FBmjiF4xg651%2F%3Futm_source%3Dig_share_sheet%26igshid%3D1jq7m3kvc7v8x Acesso em 27 de Setembro de 2018.

A utilização do neologismo *shippar*, quer dizer que você concorda ou aprova um casal, ou seja, você *shippa* eles. O termo é configurado pela junção da abreviação da palavra *relationship* (relacionamento, em português) simplesmente para *ship* (casal) e pela desinência da primeira conjugação da língua portuguesa -ar. O *shipper* seria aquela pessoa que torce pelo casal (DICIONÁRIO INFORMAL, 2018). Ex.: “Eu *shippo* muito aquele casal”.

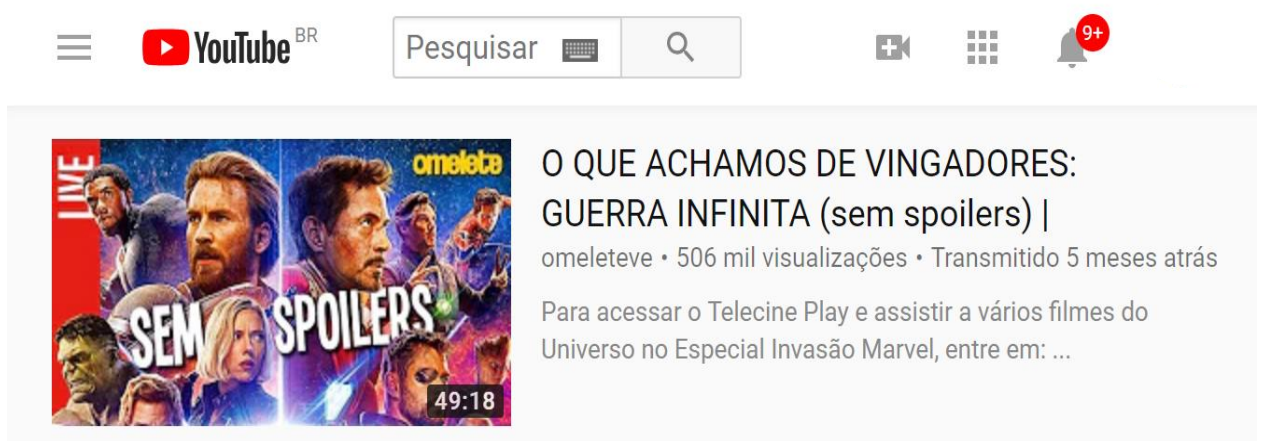
Figura 5 – Exemplo da utilização do neologismo *shippar* no *Twitter*.



Fonte: <https://me.me/i/brenu-brenuoficial-eu-shippo-o-passarinho-do-twitter-com-o-19405717> Acesso em 27 de Setembro de 2018.

Numa tradução livre, a palavra inglesa *spoiler* significa espoliador, seria algo como estraga-prazeres, aquele que conta o final de um filme, livro ou série, sem que a pessoa tenha visto o conteúdo ou pedido alguma informação. O *spoiler alert* é uma expressão inglesa muito utilizada na *Internet* para alertar que um site, portal ou fórum está revelando informações importantes (DICIONÁRIO INFORMAL, 2018). Ex.: “Fãs ficam irritados com *spoilers*”.

Figura 6 – Utilização do anglicismo *spoiler* pelo canal Omeleteve no *YouTube*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aSANxqzBdII> Acesso em 27 de Setembro de 2018.

Trollar é uma gíria da *Internet* que virou um verbo conjugável, assim como *shippar*. A expressão *trollar* significa zoar, enganar, aprontar, ou sacanear. Também é sinônimo de brincadeira e palhaçada. O ato de *trollar* ficou tão disseminado, que isso não acontece mais

apenas para ganhar visualizações no *YouTube*, mas também como uma brincadeira tal como jogar futebol com os amigos.

Figura 7 – Utilização do neologismo *trollar* por um canal no *YouTube*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=chxLjv8KXa8> Acesso em 27 de Setembro de 2018.

O uso criativo da língua comunicação via computador, como observado, é uma novidade. Abreviações, por exemplo, eram feitas desde a época do latim, mas nunca houve nada com a inventividade do *internetês*. Cada grupo social é capaz de modificar o falar e escrever, mas em geral, a população mais jovem é disparadora das mudanças. O fator histórico é marca do papel da juventude em se diferenciar, romper padrões e testar novidades. E a escrita usada na *Internet (internetês)* é o exemplo mais recente de todo esse dinamismo, que pode (e deve) ser discutida em sala de aula e usada em proveito da aprendizagem.

5.2 DANDO *PLAY* NESSA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A seguinte proposta pretende partir da competência comunicativa dos estudantes para não só fazer com que os estudantes a expandam ao explorar o gênero *post*, mas também para que possam desenvolver mais ainda o senso crítico acerca da realidade a qual estão inseridos.

Para dar início a essa SD, o professor precisa estar concentrado em seu público-alvo, EM, precisa estar bem preparado e se ater a importância de ter tudo planejado, os objetivos esclarecidos, as instruções, os recursos a serem utilizados, entre outros aspectos, que serão divididos de acordo com o parâmetro estabelecido por Dolz & Schneuwly (2004). Para isso, elaborou-se o seguinte esquema:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO TEXTUAL: *POST*

Turma: 1º ano

Objetivos:

- Conhecer as propriedades do gênero *post* e sua importância;
- Ser capaz de identificar aspectos multimodais nas redes sociais;
- Produzir *posts* não só de acordo com o conteúdo léxico-gramatical, mas também reflexivo-crítico sobre o contexto sociocultural;
- Desenvolver competências comunicativas na LI para diferentes contextos;
- Dar significância aos anglicismos e neologismos virtuais trabalhados, por usá-los de forma crítica-reflexiva.

Duração: 6 meses;

Recursos: projetor, computador, atividade impressa e celular.

APRESENTAÇÃO

- Organizar a sala em círculo, permitindo que os alunos possam ficar à vontade e consigam manter contato visual com o professor(a) e com toda a turma;
- Iniciar dizendo que o universo da *Internet* está repleto de gêneros textuais e que se pode encontrar gêneros oriundos até mesmo das redes sociais.
- Perguntar qual é o mais comum desse espaço (*Internet*) entre eles, até chegar no *post*, para poder deixar claro que esse será o gênero trabalhado entre eles;
- Dizer que essa prática acerca de *posts*, será realizada durante um semestre letivo;
- Esclarecer que o projeto vai girar em torno da criação de uma página/perfil na rede social *Instagram*, visto que reúne características para o objetivo do projeto;
- Finalizar ao dizer que a Produção Final desse projeto será a criação de portfólios, que serão apresentados numa exposição para os demais colegas e professores da escola, ou até para os familiares.

PRODUÇÃO INICIAL	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar que alguns aspectos desse gênero passam despercebidos por eles: textos verbo-visuais, como a transposição de quadrinhos, pinturas, propagandas, entre outros; o uso de <i>emojis</i> e de linguagem informal, caracterizada também pela presença de anglicismos virtuais; - Perguntar se eles concordam com essa afirmação e discutir acerca da resposta dada; - Introduzir aos alunos a definição de anglicismos e neologismos. Partir do esclarecimento desses conceitos para convencer os alunos do quão a língua inglesa está intrínseca no vocabulário deles. - Utilizar de apresentação no <i>Power Point</i>, ou até, simplesmente, produzir um material impresso que contenha exemplos de anglicismos virtuais, encontrados nas redes sociais.
MÓDULO 1	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir o conceito de multimodalidade, já que está presente nas redes sociais; - Trazer os aspectos multimodais do gênero <i>post</i> de forma física, podendo ser impresso. Ex.: imagens, <i>emojis</i>, moldura, etc; - Pedir que cada um monte sua própria rede social com espaço para <i>posts</i> em um cartaz, usando canetas coloridas e os aspectos entregues; - Perguntar sobre a importância de cada aspecto escolhido para a produção do sua própria rede social; - Preservar a rede social produzida por eles para uma próxima aula.
MÓDULO 2	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar a aula por dividir a turma em grupos de 4 alunos; - Propor um anglicismo virtual por grupo, de acordo com o conteúdo léxico-gramatical que está sendo estudado;

	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir que eles utilizem os próprios aparelhos eletrônicos para encontrar 2 exemplos do anglicismo entregue, usando suas redes sociais; - Pedir que eles discutam entre eles sobre o uso daquele anglicismo nos <i>posts</i> escolhidos; - Estipular um tempo de 10 minutos para que eles consigam realizar a tarefa; - Pedir que cada grupo apresente o post para a turma, conte os aspectos encontrados nesse gênero textual (Há a presença de linguagem informal? Há imagens? Há emojis?) e explique a utilização do anglicismo virtual encontrado nos exemplos escolhidos por eles; - Passar como atividade de casa que, ainda em grupo, eles busquem por posts estrangeiros (em inglês), que também tenham em comum com os posts brasileiros o uso dessas gírias da <i>Internet</i>, sem mudança de sentido.
<p>MÓDULO 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Começar a aula com a apresentação de cada <i>post</i> encontrado e discutir também seus aspectos linguísticos; - Retomar ao material produzido por eles mesmos, por pedir que eles façam uso da rede social elaborada por eles; - Em seguida, propor que, em grupo novamente, o mesmo da aula anterior, eles produzam um post em inglês (um para cada integrante do grupo), acerca do anglicismo entregue para cada grupo na rede social produzida por eles. - Explicar que eles podem escolher por indicar filmes, séries, músicas, ou até noticiar algo, podendo ser essa escolha relacionada com o cenário brasileiro, desde que o <i>post</i> seja em inglês, que o tema do <i>post</i> esteja conectado ao anglicismo virtual do grupo e que eles façam uso do conteúdo lexico-gramatical;

	<ul style="list-style-type: none"> - Determinar um tempo de 10 minutos para a realização da tarefa; - Pedir que eles o leiam e o apresentem ao final da aula.
MÓDULO 4	<ul style="list-style-type: none"> - Criar uma conta na rede social Instagram; - Dizer que eles produzirão ao longo do ano posts em inglês numa conta criada pelo professor, especificamente para esse trabalho; - Explicar que seu funcionamento estará focado nos mesmos critérios dos posts criados por eles na aula anterior; - Ou seja, eles deverão criar postagens em inglês indicando veículos de entretenimento, ou até mesmo por noticiar algo. Ambos tendo que estar conectados ao anglicismo escolhido pelo professor e fazendo jus ao conteúdo lexico-gramatical; - Esclarecer que será trabalhado um anglicismo diferente a cada 15 dias, dessa forma eles poderão realizar suas postagens acerca do vocábulo daquela quinzena; - Avaliar (trazer comentários, críticas, ou sugestões) ao longo das aulas no semestre sobre as postagens produzidas pelo aluno.
PRODUÇÃO FINAL	<ul style="list-style-type: none"> - Ao fim do semestre, fazer uma avaliação final das postagens; - Pedir que os alunos compilem todas as postagens feitas ao longo do semestre e transformem em portfólios individuais; - Explicar que o aluno deve dividir o portfólio por diferentes <i>internetês</i> e ordenar de acordo com as datas. - Pedir que na última página ele escreva uma autoavaliação do desempenho no projeto; - Pedir que eles leiam os portfólios uns dos outros; - Explicar que eles apresentarão os seus portfólios numa exposição para os outros alunos e professores da escola e ainda convidar a família para prestigiar a apresentação (opcional).

Ao se planejar para toda essa SD apresentada, o professor pode se precaver de futuros problemas. Isso pode ser feito por fazer uma avaliação prévia. Através dela o professor poderia aproveitar para conhecer as dificuldades dos alunos e realizar um mapeamento para saber quais aparelhos digitais eles possuem, que tipo de relação eles possuem com esses aparelhos e determinar quanto tempo seria suficiente para utilizá-los em sala de aula (TAMAR, 2016) para poder dar início.

Em princípio, é instruído que o professor apresente o gênero textual *post*, por expor todas as suas características, mesmo antes de começar a trabalhar com o *internetês*. Fazer isso é inteligente, pois a juventude em geral está muito conectada às mídias sociais. Ela as domina, mas além de dominar poderiam também conhecer suas características e, assim, poderem discutir com propriedade sobre o assunto. Abraçar essa oportunidade dos alunos conhecerem melhor o que realmente faz um *post* funcionar, por discutir até mesmo os aspectos multimodais presentes e até mesmo produzir uma rede social, mesmo que em um papel, vai contribuir com o multiletramento da turma (LEMKE, 2000).

Como observado, o professor pode trazer exemplos para a sala de aula do quanto o *internetês* dos jovens possui uma forte influência da língua inglesa. No Módulo 3, esse material poderia simplesmente ser substituído pela utilização da própria rede social, ou seja do celular mais uma vez. Mas, não foi proposto isso novamente, para que os alunos pudessem compreender que a tecnologia, em muitos casos, é opcional e que a mesma serve para adicionar e não para ofuscar o educador. Sendo assim, foi mencionada a utilização de apresentação no *Power Point* com o uso do projetor, ou ainda de impressões dos exemplos escolhidos, tornando essa dinâmica mais simples. Podem servir como exemplos as seguintes produções:

Figura 8 – Criação de *slide* com exemplo do neologismo *trollagem* usado no *Instagram*



Figura 9 – Criação de *slide* com exemplo do anglicismo *crush* usado no *Instagram*




Nesse primeiro exemplo, é possível se deparar com comentários de usuários brasileiros, que também são considerados no mundo inteiro os maiores fãs da série *Everybody Hates Chris* (Todo Mundo Odeia o Chris). A série de 2005 caiu nas graças do público brasileiro, principalmente de jovens, por fazer humor de momentos do cotidiano dos anos 70/80 do jovem americano negro, Chris. As frases icônicas da série são inesquecíveis até hoje e os fãs brasileiros fazem questão de que isso fique bem claro, por irem até aos *posts* dos atores da série *trollá-los*, comentando os seus bordões em português mesmo.

Já o segundo exemplo, exibe uma usuária fazendo uma brincadeira com o padre Fábio de Melo por chamá-lo de *crush*. Brincadeiras desse gênero com o padre ficaram bem conhecidas por o ele ter adquirido uma reputação de bem humorado e flexível. Ele até mesmo fez questão de responder a usuária em tom de brincadeira, como destacado em vermelho no *slide*. Assim como esse exemplo dele, é possível encontrar muitos outros em que ele também brinca com determinados *posts* e comentários. Ele é considerado o que a *Internet* chama de *mito*, alguém que quebra tabus, nesse caso esteriótipos.

O Módulo 4 instrui o professor a criar um perfil no *Instagram*. É essencial que todos os alunos tenham acesso (senha e nome da conta), pois o propósito é realizar publicações na conta. Além disso, mais essencial ainda, é o professor deixar claro para os alunos que o objetivo daquele perfil é exclusivamente educacional, apenas para a produção e compartilhamento das postagens. O esclarecimento e a postura firme do professor pode impedir que os alunos confundam o propósito do perfil e comecem a compartilhar conteúdo discrepante da proposta, ou até inapropriado para a mesma.

Conforme foi explicado, o professor estaria responsável por escolher um vocábulo da *Internet* a cada 15 dias. Durante esses 15 dias, os alunos realizariam publicações relacionadas a esse anglicismo nesse perfil no *Instagram*. Por exemplo, imaginemos que a primeira palavra escolhida seja *stalker*, que em inglês significa “perseguidor”, mas que também é bastante usada pelos adolescentes para definir alguém que busca informações sobre outro usuário na *Internet*, muitas vezes com boas intenções ou até interesse amoroso. O professor poderia incentivar que os alunos explorassem sua criatividade para produzir as postagens em inglês, seja por apresentar músicas, notícias, filmes, ou séries, uma postagem por aluno. Ao escrever sobre notícias, por exemplo, eles podem refletir sobre o contexto ao qual estão inseridos.

Figura 10 – Parâmetro de como deveriam ser as postagens feitas pelo aluno (notícia)



myvirtual_language #STALKER: The man accused of raping in Santa Rita, had chased women on the Internet and offered employment to them. He was arrested today, October 3rd.

Be the first to like this.
1 HOUR AGO

Add a comment...

Figura 11 – Parâmetro de como deveria ser a postagem feita pelo aluno (filme)



myvirtual_language #STALKER : I love this movie. It shows a boy is placed under house arrest; he spends his time observing the strange behavior of his neighbors and begins to suspect that one of them is a serial killer.

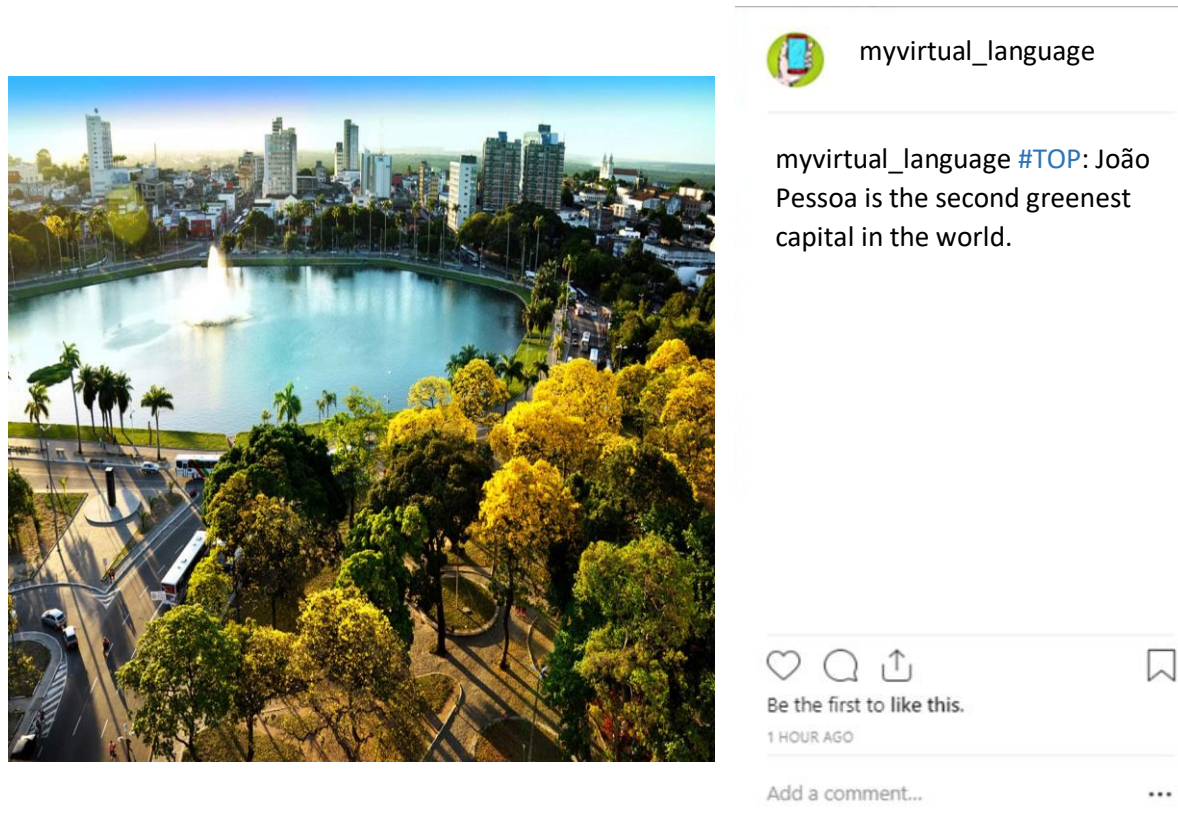
Be the first to like this.
1 HOUR AGO

Add a comment...

Figura 12 – Parâmetro de como deveria ser a postagem feita pelo aluno (música)



Ao retomar o segundo Módulo, observa-se que a recomendação é que o professor incentive e ajude os alunos a fazerem significância daquilo que estão aprendendo sobre o conteúdo léxico-gramatical e isso começa aos poucos, por eles criarem apenas breves sentenças. Afinal, se eles não se atermem ao que é ensinado de gramática, eles não conseguirão obter real compreensão do que escrevem, fazendo-os usarem aplicativos de tradução. Trazer o conteúdo do livro didático para dentro do projeto vai ajudar o professor a impedir que os alunos ignorem o que aprendem com o conteúdo programático e que achem mais importante do que apenas postar na conta compartilhada. Por exemplo, o professor ao ensinar o conteúdo *Comparative and superlative adjectives* (Adjetivos de comparativo e superlativo), ele pode pedir que os alunos criem *posts* relacionados ao anglicismo *top*. Como nos exemplos a seguir:

Figura 13 – Criação de *post* utilizando o anglicismo *top* e o conteúdo *Comparative and Superlative*Figura 14 – Criação de *post* utilizando o anglicismo *top* e o conteúdo *Comparative and Superlative*

A SD vem nessa intenção de tornar a aula mais dinâmica, criativa e interessante para os alunos do 1º ano do EM, por fazer uso da *Internet*, dos aparelhos digitais e ainda da apreciação dessas novas palavras do vocabulário jovem. Sinônimo de juventude é espontaneidade, pois eles gostam de ver e interagir com o novo, mesmo que seja uma releitura do convencional. Como exibido, essa SD busca o equilíbrio entre a tradicionalidade e a modernidade, para convencer os jovens de que há muito do tradicional que ainda “não saiu de moda”.

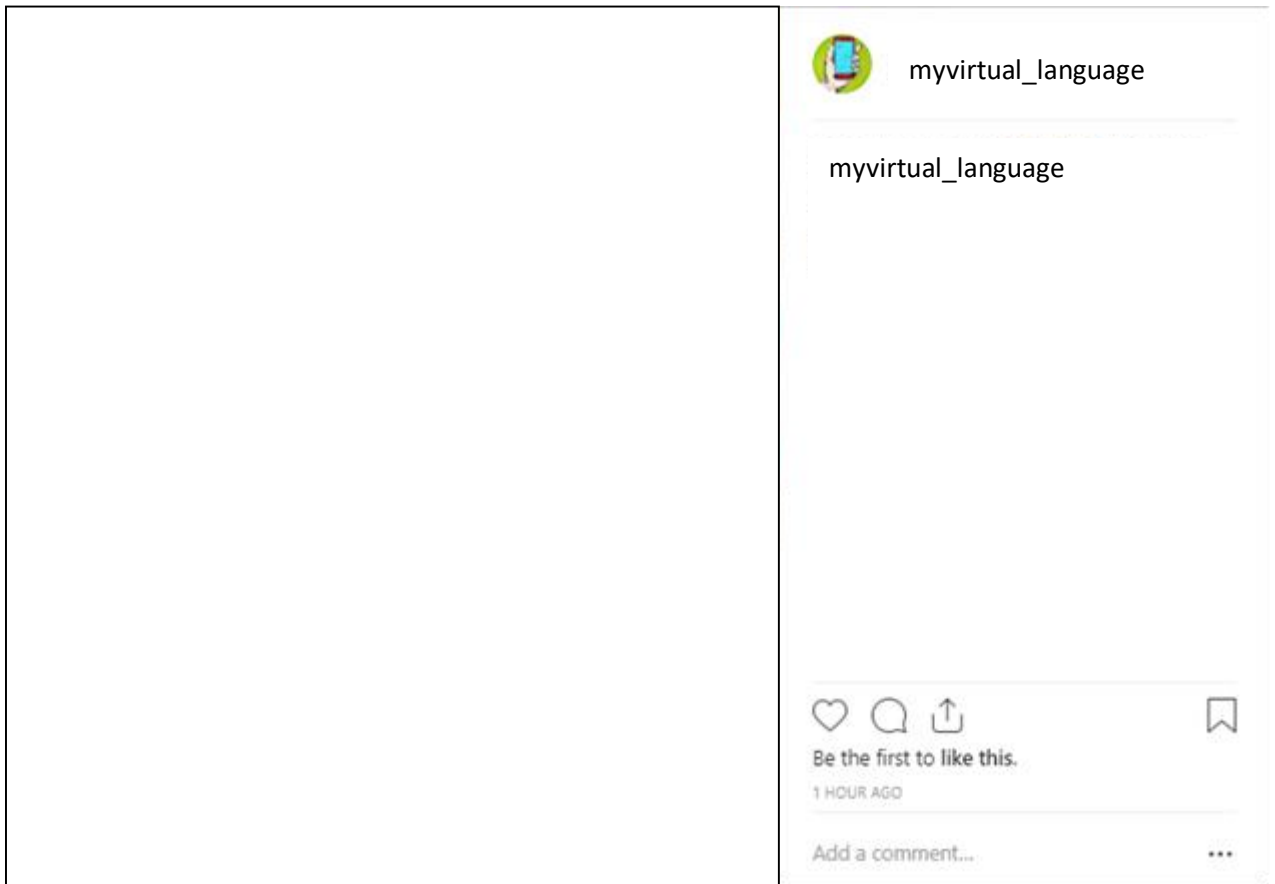
5.3 FAKE NEWS OU REALMENTE POSSÍVEIS PROBLEMAS PARA ESSA SEQUÊNCIA?

Como exibido na Produção Inicial dessa SD, o presente trabalho propõe que o professor introduza aos seus alunos a definição de anglicismos e neologismos. Essa função costuma ficar a cargo do professor de língua portuguesa. Isso pode parecer uma barreira, porque embora o professor não seja responsável pela disciplina de língua portuguesa, ele vai precisar esclarecer esses conceitos. Isso será importante para convencer os seus alunos do quão a língua inglesa está intrínseca no vocabulário deles.

Ao escolher exemplos a serem inseridos nos *slides*, deve-se preocupar com o que pode gerar o desconforto de alguns alunos. O exemplo sugerido no *slide* com a palavra *crush* possui um teor cômico, mas não há nada de ofensivo, ou que possa resultar numa brincadeira de mau gosto e até *bullying*. A utilização da palavra *crush* pela pessoa no exemplo exposto pode parecer inapropriado à primeira vista, por isso é importante destacar para os alunos que o próprio sujeito brinca com a situação, nesse caso o padre Fábio de Melo. Dessa forma, será enfatizado que nem todo mundo acha engraçado determinadas brincadeiras.

Outro possível problema, poderá ser a falta de recursos digitais na escola, por isso foi destacado na SD que o professor pode substituir facilmente a apresentação em *Power Point* por impressões dos exemplos escolhidos. Ele pode colocar até quantos exemplos ele achar necessário numa lauda só e, para simplificar mais ainda, ele pode pedir que os alunos façam duplas, caso não tenha como imprimir o material de acordo com a quantidade de alunos da turma. Por isso, o professor pode entregar aos alunos um material impresso, com base no formato do *Instagram*, podendo até ser uma captura de tela de celular.

Figura 15 – Criação de material a ser impresso para a prática do gênero *post*



Durante os Módulos, foi destacada a importância de determinar um tempo para os alunos realizarem as atividades, principalmente nas que devem ser realizadas com o uso da *Internet* em sala de aula. Afinal, apenas dizer para um adolescente usar o celular para tal finalidade não é suficiente, deve-se monitorar e reger o uso daquela TIC (TAMAR, 2016). Eles podem se aproveitar do tempo em que estiverem com seus aparelhos conectados à *Internet* e acessarem suas redes sociais com outros fins.

Ainda nos Módulos, foi sugerido na atividade de elaboração de postagens, onde o aluno escolheria um anglicismo ou neologismo, que eles poderiam escolher por indicar filmes, músicas, ou noticiar algo que ocorreu na localidade, até mesmo dentro do contexto brasileiro. Esse detalhe é importante, porque impede o perigo dos alunos não ficarem focados em uma única cultura, mas também aproveitarem a oportunidade para praticar a multiculturalidade. Por exemplo, ao usar notícias, eles podem até mesmo refletir sobre a realidade a qual vivem, fazendo jus a valorização sociocultural também (PCN/EM, 2002).

Na Produção Final, foi proposto que os alunos compilhassem todas as postagens feitas ao longo do ano e transformassem em portfólios individuais. Os jovens poderiam até mesmo

apresentar os seus portfólios numa exposição para os outros alunos e professores da escola, ou ainda ser uma exposição aberta para os familiares virem prestigiar as apresentações em inglês. Essa última sugestão é fundamental para evitar que haja a desmotivação dos alunos, pois eles precisam estar engajados e saber que não estão produzindo sem nenhuma finalidade, ou seja, correndo “numa pista sem linha de chegada” (WATCH TOWER, 2012, p. 07).

Pensar nesses possíveis problemas vai ajudar o professor a estar bem preparado para o que venha, talvez, a dar errado nas aulas durante a realização da SD. A maioria dos possíveis problemas identificados partem da iniciativa do professor em ter empatia pelo aluno, ao se lembrar que a escola pode ser desprovida de recursos digitais, ou que alguns se sintam mal com determinadas brincadeiras derivadas do que talvez seja apresentado em sala, ou até que eles precisam de motivação para terem o mesmo engajamento do início ao fim durante a SD.

GAME OVER (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Com a globalização tendo grande contribuição na evolução da sociedade, vários aspectos que a circulam também são afetados, a exemplo da língua. É inerente que a língua não está em uma situação estática, mas sim em constante mudança e com a crescente onda dos influenciadores digitais essa mudança se torna cada vez mais evidente. Com esse trabalho, foi visto que a influência de termos estrangeiros, utilizados por esses influenciadores, é um dos fatores que mais provoca esse processo evolutivo da língua portuguesa no Brasil. Esse processo muitas vezes parte da *Internet*, tida como habitat natural do *internetês* derivado dos anglicismos e neologismos.

O léxico de uma sociedade tem a capacidade de indicar o quanto ela é desenvolvida, é uma forma de representar seu desenvolvimento sócio-econômico-cultural. Hoje o papel da juventude nesse desenvolvimento é fundamental, pois é essa juventude que passa a maior parte do seu tempo nas mídias em geral. Ser um professor que encara os anglicismos e neologismos oriundos da *Internet* e as tecnologias como aliados, vai levá-lo a impulsionar a sua sala de aula à um passo de funcionar a partir de uma diversidade de linguagens, de mídias e de uma diversidade de culturas, ou seja, torná-la multiletrada.

Em vista do surgimento e dominação da era virtual, é importante estar preparado para os novos gêneros textuais, ou gêneros digitais. A educação brasileira, que tem vivido momentos tão difíceis também no ensino da LI, precisa de um profissional disposto a atender essas demandas, que busque encarar a *Internet*, os gêneros digitais e os TICs com perspicácia, podendo enxergar como possíveis e grandes contribuintes no ensino de LI. Ainda mais porque são recursos que motivam os jovens a interagirem. Dessa forma, o professor iria fazer seus alunos, como diz no ditado popular, “provarem do próprio remédio”, mas de forma bem intencional.

Ao buscar entender não só o universo dos jovens, mas como também a proposta dos documentos oficiais para o EM brasileiro, fez-se necessário criar uma SD que dialogasse com as experiências trazidas pelo aluno a sala de aula e os recursos digitais. Como visto na SD, é proposto que o professor regre o uso dos aparelhos eletrônicos em sala, mesmo usando para fins educacionais. O aluno precisa entender que a tecnologia vem como uma opção e não como a peça principal de todo o dinamismo, embora ela esteja sendo usada como ponto de partida para motivar os alunos a se engajarem na aula.

No entanto, vale salientar que, por não ser uma pesquisa experimental, essa proposta pode estar sujeita a imprevistos. O professor que cogitar realizá-la terá que adaptá-la ao meio

em que está inserido e estar disposto a enfrentar desafios. Por fim, esse trabalho ainda dá margem para derivados, outros possíveis trabalhos. O que não será descartado é o interesse em tornar essa proposta em prática, pois ela vem com o interesse em evoluir o “novo” por aperfeiçoá-lo e torná-lo realmente significativo para vida dos nossos adolescentes brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. P. **A Produção de Textos nas séries iniciais: Desenvolvendo as competências de escrita**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006
- LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL, (RES)SIGNIFICANDO O TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS, Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/290/323> Acesso em 07 de outubro de 2018.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Linguagens e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em 20 de Agosto de 2018.
- BAZERMAN, C. **Constructing experience**. Carbondale: Southern Illinois., University Press, 1997.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- BRASIL. MEC. **PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol. 2. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. V. 1. Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília. MEC/SEB, 2006.
- CÂNDIDO DE LIMA, D. **Quando o ideal supera as adversidades um exemplo a (não) ser seguido**. In: -- **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 159-170.
- CIBERJORNALISMO. **Discussão sobre o que são weblogs**. 2003. Disponível em <http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm> Acesso em 27 de Outubro de 2018.
- DICIONÁRIO INFORMAL. **Gírias atuais mais usadas na internet**. 2018. Disponível em <https://www.dicionariopopular.com/girias-atuais-internet/> Acesso em 27 de Outubro de 2018.

- DIONISIO, A. P. **“Gêneros Textuais e Multimodalidade”**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.
- FERRAZ, A. P. **A inovação lexical e a dimensão social da língua**. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 217-234.
- FERRAZ, A. P. **Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical**. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *Língua portuguesa, educação & mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008, p. 146-162.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GIBSON, J.J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1986.
- GUEDES, L. **O uso de games como input para a aprendizagem de línguas**. Congresso Iberoamericano de Ciencia, Tecnologia, Innovación y Educación. Buenos Aires. P. 1-20, 2014.
- HUANG, C. S. J., YANG, S. J. H., CHIANG, T. H. C., & SU, A. Y. S. **Effects of Situated Mobile Learning Approach on Learning Motivation and Performance of EFL Students**. *Educational Technology & Society*, 19 (1), pp. 263–276, 2016.
- LEMKE, J. **Multimedia Literacy Demands of the Scientific Curriculum**. *Linguistics and Education* 10 (3): 247-271 (Gêneros Multimodais e Multiletramento – artigo). In: *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino* (p.140).
- MARCUSCHI, L.A. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. IN: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 3. Ed. Ver. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.
- MISHRA P. and KOEHLER M. **Technological Pedagogical Content Knowledge: A Framework for Teacher Knowledge** (2006) *Teachers College Record* Volume 108, Number 6, June 2006, pp. 1017–1054

NITRONEWS. **Youtuber e influenciador digital: conheça as profissões do futuro.** 2017. Disponível em: <https://www.nitronews.com.br/blog/youtuber-e-influenciador-digital-conheca-profissoes-futuro/> Acesso em 27 de Outubro de 2018.

PERIN, J. O. R. **Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escola pública: um estudo etnográfico.** 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.

PILETTI, N. **Psicologia educacional 17^a ed.** São Paulo: Ática, 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. **Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs). Multiletramentos na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2012. p. 11-31.

SEDF, **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, 2014a. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/materiais-pedagogicos/curriculoemmovimento.html> Acesso em 21 de Setembro de 2018.

TAMAR, L. **Pensar a educação mediada por tecnologias digitais.** Dissertação (Educação e Tecnologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2016.

TARDIF, M. e LESSARD, C. (1998) **“O ofício de professor: história, perspectiva e desafios internacionais”.** Tradução: Lucy Magalhães. 6^a ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2014.

INDIANA UNIVERSITY BLOOMINGTON, Center for Social Informatics and Information of Science Indiana University. Indiana, 1998.

WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY. **Como se sair bem na escola.** Revista Despertai, Warwick, Nova York, p. 02 - 29, 14 out. 2012.

WU, P. C., & WANG, Y. C. (2011). **The influences of electronic word-of-mouth message appeal and message source credibility on brand attitude.** Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics, 23(4), 448-472.